



Maria das Dores do Rosário Almeida

A PROMESSA QUE VIROU A FESTA DE SÃO SEBASTIÃO DE CARMO DO MACACOARI

EDIÇÕES DO
SENADO FEDERAL

328

SENADO FEDERAL



A Festa de São Sebastião da Vila do Carmo do Macacoari começou no tempo em que esse lugar nem parecia comunidade. As casas eram poucas, sem cercas, muito longe umas das outras, mesmo sendo de parentes. Talvez tenha sido uma estratégia das famílias posseiras para resguardar o território. Também ficavam bem longe das casas-grandes das famílias posseiras — Nery Silva, Claudino Picanço e Picanço Machado —, as quais se localizavam na beira do Rio Macacoari, com portos para embarque e desembarque de gado e atracamento de canoas a vela. Naquele tempo, os assoalhos das casas-grandes eram tão altos que os bois entravam embaixo para amolar os chifres. Quando chegava o tempo da chuva (inverno), o campo ficava repleto de bois brancos e de cavalos, esperando as águas baixarem, na localidade do Braço do Rio Macacoari, hoje Igarapé do Braço. Chegava o tempo da seca (verão), os bois eram levados por terra, pelas três famílias posseiras e seus vaqueiros, para as fazendas no Braço do Rio Macacoari. As casas-grandes da Vila do Carmo ficavam na responsabilidade de famílias agregadas para que tomassem conta, até essas famílias retornarem com o gado na cheia do ano seguinte e tivessem participado de festas religiosas. Quando as famílias partiam, a vila ficava “quiririm” (silenciosa) habitada somente pelos familiares dos vaqueiros. Chegava o tempo das ciganas, uma ave com uma crista parecida com um penteado, que mariscava na beira do rio. As mulheres e seus filhos assumiam a responsabilidade de salvaguardar a vila, passavam a ocupar todo o território colocando em prática seus saberes, dons e atividades de subsistência.

EDIÇÕES DO SENADO FEDERAL

Publicada desde 2003, a série Edições do Senado Federal apresenta títulos de interesse público dos mais variados temas, tais como História, Literatura e Direito. Com mais de trezentos títulos, a série reúne autores de renome, a exemplo de Otto Maria Carpeaux, Luís Edmundo, Francisco Adolfo Varnhagen e Juscelino Kubitschek.

As obras são editadas pelo Conselho Editorial do Senado Federal (CEDIT), órgão criado pela Mesa Diretora em 31 de janeiro de 1997 com a finalidade de formular e implementar a política editorial do Senado Federal. O Conselho Editorial recebe, para avaliação editorial e de mérito, propostas que estejam em consonância com as linhas editoriais de seu regimento interno. O autor interessado em publicar por meio do Conselho Editorial deve encaminhar seu manuscrito acompanhado da proposta de publicação para: cedit@senado.leg.br.

Para mais informações, acesse: senado.leg.br/conselhoeditorial.asp

A promessa que virou a
Festa de São Sebastião
de Carmo do Macacoari

SENADO FEDERAL

Mesa

Biênio 2023/2024

Senador Rodrigo Pacheco

PRESIDENTE

Senador Veneziano Vital do Rêgo

1º VICE-PRESIDENTE

Senador Rodrigo Cunha

2º VICE-PRESIDENTE

Senador Rogério Carvalho

1º SECRETÁRIO

Senador Weverton

2º SECRETÁRIO

Senador Chico Rodrigues

3º SECRETÁRIO

Senador Styvenson Valentim

4º SECRETÁRIO

SUPLENTE DE SECRETÁRIO

Senadora Mara Gabrilli

Senador Dr. Hiran

Senadora Ivete da Silveira

Senador Mecias de Jesus

CONSELHO EDITORIAL

Senador Randolfe Rodrigues

PRESIDENTE

Esther Bemerguy de Albuquerque

VICE-PRESIDENTE

CONSELHEIROS

Alexandre de Souza Santini Rodrigues

Ana Cláudia Farranha

Ana Flávia Magalhães Pinto

Ana Maria Veiga

Alcinéa Cavalcante

Bruno Lunardi Gonçalves

Carlos Ricardo Cachiollo

Eduardo Rômulo Bueno

Esmeraldina dos Santos

Fernando Pimentel Canto

Heloisa Maria Murgel Starling

Ilana Trombka

João Batista Gomes Filho

Marco Américo Lucchesi

Nathalia Henrich

Rafael André Chervenski da Silva

Victorino Coutinho Chermont de

Miranda

Maria das Dores do Rosário Almeida

A promessa que virou a Festa de São Sebastião de Carmo do Macacoari

Edições do Senado Federal
vol. 328

Brasília, 2024

SENADO FEDERAL



EDIÇÕES DO
SENADO FEDERAL
VOL. 328

O Conselho Editorial do Senado Federal, criado pela Mesa Diretora em 31 de janeiro de 1997, buscará editar, sempre, obras de valor histórico e cultural e de importância para a compreensão da história política, econômica e social do Brasil e reflexão sobre os destinos do país e também obras da história mundial.

Organização: Cristiano Ferreira

Revisão: Cristiano Ferreira, Laércio Franzon e Rebeca Siqueira

Capa: Thomas Gonçalves e Rodrigo Ribeiro

Projeto gráfico: Eduardo Franco

Diagramação: Erika Albuquerque

© Senado Federal, 2024

Congresso Nacional

Praça dos Três Poderes s/nº

CEP 70165-900 — DF

cedit@senado.leg.br

<https://www12.senado.leg.br/publicacoes/conselho-editorial-1>

Todos os direitos reservados

Almeida, Maria das Dores do Rosário.

A promessa que virou a festa de São Sebastião de Carmo do Macacoari
/ Maria das Dores do Rosário Almeida. — Brasília : Senado Federal, 2024.
59 p. : il., fots. — (Edições do Senado Federal ; v. 328).

Inclui notas explicativas, bibliográficas e bibliografia.

ISBN: 978-65-5676-530-3

1. Festa religiosa, Amapá (Estado). 2. Amapá (Estado), história.
I. Título. II. Série.

CDD 394.2682

LISTA DE FIGURAS

Localização da Vila do Carmo do Macacoari	14
Vila do Carmo do Macacoari	20
Balneário Carmo do Macacoari em 2020	20
Paisagem em Carmo do Macacoari	22
Paisagem em Carmo do Macacoari	23
Rio Macacoari	23
Imagem original de São Sebastião	29
Procissão de São Sebastião	30
Cavaleiros de São Sebastião	35
Cavaleiros de São Sebastião	35
Procissão de São Sebastião	36
Igreja de São Sebastião 2020	50
Refeitório Januário Paulo do Rosário	50
Centro de festa de São Sebastião	51

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	9
ANCIÕES PRECURSORES DA FESTIVIDADE	
APRESENTAÇÃO	11
NO TEMPO DOS MURURÉS E DOS BACURIZEIROS	13
DO CARMO DO MACAQUARI A CARMO DO MACACOARI, DE RIO MACACOA-ALI A RIO MACACOARI	
O TEMPO DO PROMESSEIRO FESTEIRO DA FESTA DE SÃO SEBASTIÃO DE CARMO DO MACACOARI: JANUÁRIO PAULO DO ROSÁRIO	25
O TEMPO DAS AVES CIGANAS E DAS POUCAS CASAS	31
A ORIGEM DA FESTA DE SÃO SEBASTIÃO DE CARMO DO MACACOARI	
NO TEMPO DO FESTEIRO E DOS (AS) PROMESSEIROS (AS)	37
NA SOCAÇÃO DO CAFÉ, NA MATANÇA DOS BOIS, NA BUSCAÇÃO DOS SANTOS, NA PROCISSÃO E NA FESTA DANÇANTE COM JANTAR	
A chegada dos promesseiros e promesseiras	40
A torrefação e a socação do café	41
A matança dos bois	41
A buscação dos santos e a procissão de São Sebastião	42
A festa dançante: noites do “pau furado”, de sopro e cantarola	43
O TEMPO DOS OUTROS	45
AS MUDANÇAS E AS INTERFERÊNCIAS RELIGIOSAS, CAPITALISTAS E OUTRAS NA FESTA DE SÃO SEBASTIÃO	

CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
GLOSSÁRIO MACACOARIENSE	54
REFERÊNCIAS	56
SOBRE A AUTORA	59

APRESENTAÇÃO

ANCIÕES PRECURSORES DA FESTIVIDADE

- **Joana Claudina do Rosário:** filha de Januário Paulo do Rosário, nasceu em 1892 e faleceu em 1992. Em sua casa, realizaram-se as primeiras festas de São Sebastião. Era braço direito de seu pai na organização da festa.
- **Felisberta do Rosário Correia:** nasceu em 1897,¹ filha de Januário Paulo do Rosário. Com sua irmã, Joana do Rosário, liderou a organização da festa, sobretudo na coordenação da cozinha e na torrefação do café.
- **Porfíria Thereza Picanço Machado:** nasceu 1874, faleceu em 1961. Uma das posseiras das terras do território do Carmo do Macacoari. Durante muitos anos, a Festa de São Sebastião foi realizada em sua casa.
- **Idelfonso Paulo do Rosário:** nasceu em 1912, faleceu em 1990, filho de Januário Paulo do Rosário. Após a saída de Porfíria Machado da comunidade tradicional, negra e ribeirinha da Vila do Carmo do Macacoari, assume a festa de São Sebastião, que passa a ser realizada em sua casa.
- **Antônia Nery da Silva:** nasceu em 1894 e faleceu em 1978. Uma das posseiras das terras do território do Carmo do Macacoari. No período da Festa de São Sebastião, ela e sua filha, Maria Nery de Loureiro Picanço, trocavam com os moradores a costura de roupas para a festa por serviços.

1 Tomando como referência sua certidão de casamento.

- **Ana Claudina da Silva Picanço:** uma das posseiras da terra do território do Carmo do Macacoari. Não se sabe ao certo sua data de nascimento, faleceu em 1964. Assim como as outras posseiras, contribuía doando bois, queijos e café para a Festa de São Sebastião.
- **Raimundo Januário Paulo do Rosário:** nasceu em 1896 e faleceu em 1982.² Filho de Januário Paulo do Rosário, dono da primeira imagem de São Sebastião, utilizada ainda hoje no cortejo da procissão na Vila do Carmo do Macacoari.

2 Tomando como referência sua certidão de casamento.

APRESENTAÇÃO

O objetivo desta obra é registrar memórias de mulheres negras macacoarienses mais velhas sobre a centenária Festa de São Sebastião de Carmo do Macacoari, uma vez que os fatos aqui apresentados foram vistos e vividos por elas.¹

Decidi registrar suas memórias porque a festa está entre as maiores manifestações religiosas católicas, as chamadas festas de santo, do estado do Amapá. Entretanto, não há conhecimento da existência de registros escritos específicos sobre ela.

Quem sabe essa lacuna exista pelo fato de o estado do Amapá não ter uma política pública específica para preservação de suas memórias. Outro fator pode ser a confiança na oralidade, na qual, de certa forma, nos acomodamos enquanto macacoarienses, no sentido de não realizar o registro escrito dessa manifestação.

Esta obra se propõe a ser uma publicação “abre-alas”, inspiradora para uma série de muitas outras que, eventualmente, poderão despontar sobre a história dessa centenária festa. Nela, falo sobre a Festa de São Sebastião a partir dos “tempos macacoarienses”, não para definir a sua história cronologicamente, mas para distinguir o tempo-espaço-território da história contada, no sentido da existência de um território ancestral negro amazônico.

1 Antônia Nery Picanço, Edmunda Brasão Viégas (*in memoriam*), Firmina do Rosário Picanço, Luiza Costa Tolosa Correa (*in memoriam*), Luiza do Rosário Almeida, Maria Ardassee Picanço, Maria de Jesus Picanço Torrinha, Maria Celina Viégas Picanço, Maria de Lourdes Gonçalves dos Santos, Maria Nair Sousa Costa, Maria Nery de Picanço Loureiro (*in memoriam*), Raimunda Ardassee Picanço, Raimunda do Rosário Sousa e Sebastiana Albuquerque Costa.

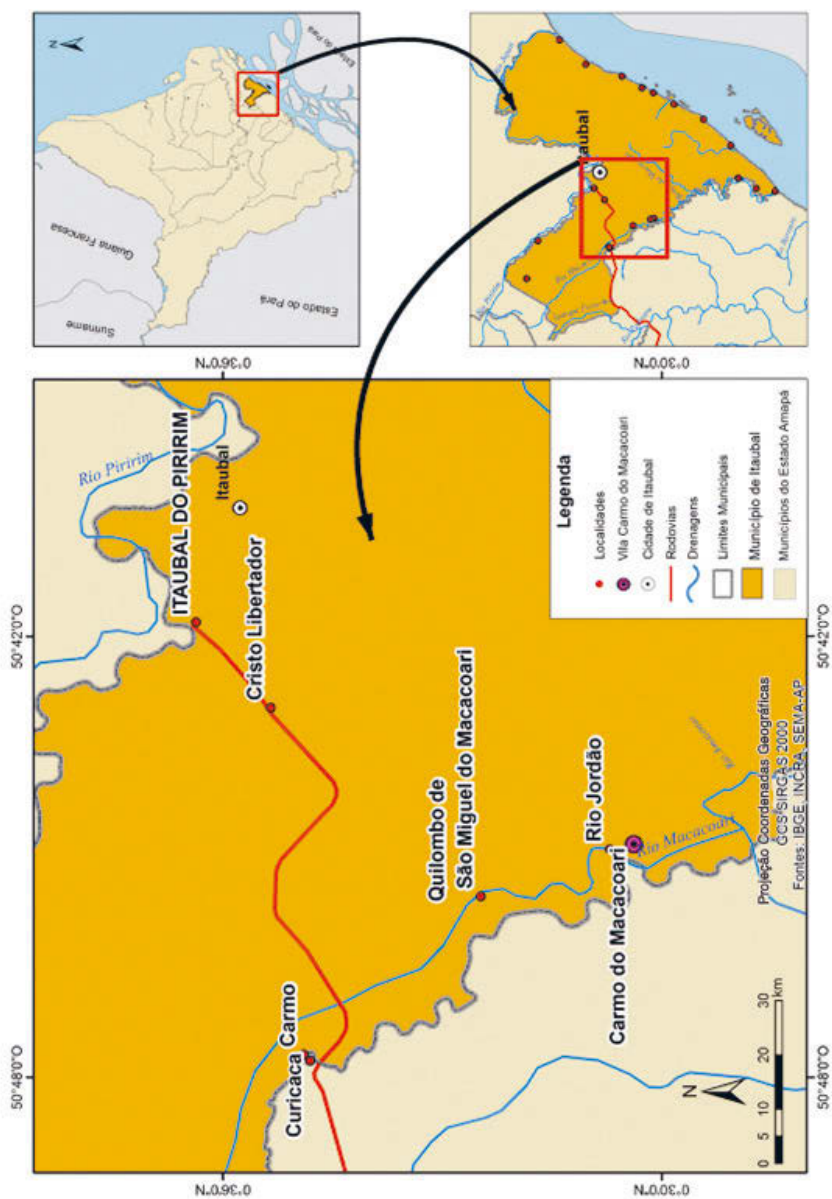
Espero proporcionar ao (à) leitor (a), por meio da leitura, a oportunidade de conhecer a origem da Festa de São Sebastião de Carmo do Macacoari.

Dedico esta obra às famílias precursoras da Vila do Carmo e a todos (as) os (as) moradores (as) dessa comunidade, principalmente, aos que continuam à frente dessa festa e aos devotos do santo padroeiro, São Sebastião.

NO TEMPO DOS MURURÉS E DOS BACURIZEIROS

DO CARMO DO MACAQUARI A
CARMO DO MACACOARI, DE RIO
MACACOA-ALI A RIO MACACOARI

“O meu avô já tinha morrido, era
minha mãe, a minha madrinha Porfira
e a finada Ana Claudino eram as três
posseiras de lá, quer dizer que eles
eram os donos entendeu? Quando
assim, por um acaso à senhora ia e
dizia dona Ana, tia Ana: eu vim aqui
pra você me dá consentimento pra
mim fazer uma casa. Ela dizia ‘eu
dou’. Não! Meu avô ainda era vivo.
Aí, ela dizia: ‘eu vou lá com o tio
Mané’. Ela ia e dizia pra ele, se
ele, se ele disse que era pra fazerem a casa,
fazia, se ele disse que não, era não,
o que ele disse tava feito, ele era
o maior de lá.”
(Maria Nery de Loureiro Picanço,
2016, *in memoriam*)



Localização da Vila do Carmo do Macacoari
 Fonte: elaborado por Maria das Dores Almeida a partir
 de dados obtidos no IBGE, Incra e Sema-AP (2000)

Os tempos macacoarienses — a referência temporal que utilizo ao longo desta publicação para falar da Festa de São Sebastião de Carmo do Macacoari —, relacionam-se às temporalidades amazônicas no campo da geopolítica de Porto-Gonçalves.¹ Ele fala da formação do espaço-território amazônico por meio de múltiplos tempos.²

Por isso, parto da origem da Vila de Carmo do Macacoari, uma comunidade tradicional, negra, ribeirinha, situada às margens do Rio Macacoari, em terra firme, no município de Itaubal do Pírim, no estado do Amapá, na Amazônia, a 115 quilômetros da capital Macapá.

A comunidade, antes, chamava-se Carmo do Macaquari.³ A palavra *macaquari* está relacionada ao Rio Macaco-Ali, por existir grande número de um raro primata na região,⁴ o macaco-da-noite (*Aotus trivirgatus*).

Em antigos documentos, é possível ver a modificação na forma de escrever tanto o nome do rio quanto o nome do território, que passam a ser grafados como *Macaquary*, hoje, escrito *Macacoari*. Apesar das mudanças, algumas pessoas ainda pronunciam Carmo do *Macaquari*. A nomenclatura *Carmo* é em referência a Nossa Senhora do Carmo.⁵

Antigamente, a comunicação dessa vila com Macapá e demais localidades era somente por água. Em 1965, quando se concretiza a rodovia Macapá-Macacoari,⁶ o meio de comunicação e transporte passou a ser também terrestre. O motivo dessa mudança foi o acidente aéreo de 1958, que vitimou autoridades de Macapá.⁷ Pois, como o barco que conduziu

1 2008.

2 Geológico, geomorfológico, arqueológico, antropológico e histórico.

3 Pantoja, 2015.

4 De acordo com o estudo sobre a distribuição geográfica do primata macaco-da-noite (*Aotus trivirgatus*), os cientistas comprovaram a existência dessa raridade na comunidade do Carmo do Macacoari, no município de Itaubal do Pírim. E essa pesquisa confirma as narrativas das pessoas mais velhas sobre o nome do Rio Macacoari ter se originado do nome *macaco* (Fernandes, 1993).

5 Nossa Senhora do Carmo é homenageada com missa e procissão, no dia 16 de julho, na Vila do Carmo do Macacoari.

6 Walter, 2015.

7 Coaracy Monteiro Nunes, deputado federal; Hildemar Pimentel Maia, promotor; e Hamilton Silva, piloto.

os corpos levou dias para chegar à capital, o governo da época construiu a rodovia.

Hoje, o acesso à Vila do Carmo pode ser feito por via terrestre, pelas rodovias BR-156 e AP-70, e por via fluvial, pelo rio Amazonas e pelo seu afluente, Rio Macacoari. O Rio Macacoari continua sendo o principal meio de comunicação e de comércio entre os moradores da vila e outras localidades da região ribeirinha.

De acordo com os estudos de Santos e Figueira,⁸ a Vila do Carmo do Macacoari está entre as localidades mais antigas do setor costeiro amapaense. Os estudos mapearam os municípios que desempenharam papéis estratégicos na evolução histórico-geográfica do litoral estuarino amapaense e pontuaram as localidades com mais de 50 anos de existência desse setor costeiro. Assim, constataram que a vila tinha aproximadamente 200 anos.

A Vila do Carmo do Macacoari é pequena no tamanho, mas *pinhada*⁹ de histórias, como uma árvore de *curumichameira*¹⁰ carregada de frutos. Muitas dessas histórias estão resguardadas até hoje nas *histórias de colhepe*¹¹ das mulheres negras mais velhas desse lugar. *Histórias de colhepe* são aquelas que dizem respeito a uma história de mulheres do lugar. Emergem quando suas experiências e histórias vividas se misturam com a própria história do território.¹²

Ao longo do tempo, algumas memórias escaparam da *cumbuca*¹³ das *histórias de colhepe*, seguiram o esquecimento. Quanto a outras memórias, enquanto as *histórias de colhepe* passavam por uma *madorma*,¹⁴ a história escrita meteu a mão na cumbuca e levou-as consigo. Por isso,

8 Santos; Figueira, 2004.

9 Com muitas histórias, em grande quantidade.

10 O mesmo que jamelão, jamborão, azeitona preta, azeitona roxa.

11 A *colhepe* é uma espátula feita de bambu, utilizada por mulheres louceiras para modelar as cerâmicas de barro no momento da fazeção de panelas, potes e outros utensílios (Almeida, 2020b).

12 Almeida, 2020b.

13 Cabaça, cuia.

14 Cochilo, sono curto, sono leve.

muitas partes da história do Carmo e da Festa de São Sebastião foram modificadas ou apagadas.

Para o historiador francês Le Goff,¹⁵ isso acontece quando a memória coletiva oral é dominada por indivíduos e grupos que passam a controlar a história, manipulando os fatos reais a partir de interesses sociais, causando, assim, um emudecimento dessa memória oral coletiva.

No final do século XIX, quando o primeiro morador, o escravizado Manoel Nery da Silva, o Pai Mané, chegou nessas terras, não morava ninguém ali. Segundo as *histórias de colhepe*, ele era escravo de um comerciante português. No período da Guerra do Paraguai, os escravizados foram enviados para o combate, entre eles o Manoel Nery.

Segundo narrativa oral, na Vila viveu um homem, que era escravizado, chamado pelo nome de Manoel Nery da Silva, o Pai Mané, que, pelo uso da força, foi enviado à Guerra do Paraguai (1864–1870), para onde “negros escravos” foram recrutados.¹⁶

Mas, Manoel não vai para guerra, pois, depois que o comerciante português paga, às escondidas, o comandante do barco para libertá-lo, este deixa Manoel Nery fugir. O combinado era que, após o terceiro assobio do comandante, ele pulasse nas águas antes da partida do barco. Em terra, o português leva Pai Mané e uma preta velha, escrava, sua madrinha, para a localidade de Paricás¹⁷ para cuidar de gados.

Em Paricás, ele ficou por muito tempo, mas o medo o rondava, com receio de aparecer alguém. Quando o dia amanhecia, Manoel levava o gado até a beira do Rio Matapi e, lá, passava o dia todo. Sua madrinha, sábia, criou um código de comunicação e orientou-o: “Quando tu vie-

15 2013.

16 Almeida, 2018, p. 107.

17 Essa localidade, hoje, é situada no km 17 da BR-156, no Amapá. O local, Paricá, ainda existe. Pertence à família Picanço, situa-se aproximadamente na altura do km 19 da BR-210, no município de Macapá, mas seu acesso também poder feito pelo Rio Matapi.

res, olha, se tiver um pano branco, em cima da puxada da casa, tu não encostas, tem gente em casa”.

Assim, ele fazia. À tarde, quando retornava tocando o gado, no meio do caminho, subia no pé de muricizeiro¹⁸ e observava. Se tivesse o pano, ele não ia para casa; se sua madrinha não colocasse o pano, ele retornava para casa.

Depois de tempos, seguindo o curso do rio, ele viu um campo bonito, um lugar bom para criar gado. Assim, Manoel Nery da Silva e sua mulher, a ex-escravizada Violante de Jesus Nery, se instalaram em um lugar chamado Descida do Meio,¹⁹ às margens do *Rio Macaco-ali*, no tempo que esse rio era coberto de plantas aquáticas, os *mururés*.

Encontraram em *Carmo do Macaquari*, terras antes ocupadas por indígenas, o lugar ideal para morar. As pessoas mais velhas confirmam essa versão, mostrando os locais onde existiam as *igaçabas*, a *boca feita*.²⁰ Descendentes mais velhos de Manoel e Violante reconhecem o Carmo como *terra de pretos*,²¹ pelo fato desse território ser constituído primeiramente por essa família de ex-escravizados, contando a seguinte história:

No Carmo havia muitos pés de Bacurizeiros,²² como o Pai Mané, já ocupava esse território, pois sabia que o bacuri, a fruta do bacurizeiro era alimen-

18 Árvore muito comum na região do cerrado amapaense. Seu fruto é utilizado para sucos, sorvetes, cremes, doces e sua madeira, para fazer lenha.

19 Pessoas mais velhas da vila dizem terem visto vestígios nesse lugar, como os pés de palmeira mucajazeiro.

20 Sítios arqueológicos.

21 Para Alfredo de Almeida (2009, p. 45), a denominação *terras de pretos* compreende “aqueles domínios doados, entregues ou adquiridos, com ou sem formalização jurídica, por famílias de ex-escravos. Abarca também concessões feitas pelo Estado a tais famílias, mediante a prestação de serviços guerreiros. Os descendentes destas famílias permanecem nessas terras há várias gerações sem proceder ao formal de partilha, sem desmembrá-las e sem delas se apoderarem individualmente”. Inclusive, esse autor diz que esses modelos de terras de uso comum são observáveis no Amapá.

22 O bacurizeiro (*Platonia insignis* Mart.) é uma espécie frutífera e madeireira com centro de origem na Amazônia Oriental Brasileira. Ocorre espontaneamente em todos os estados da Região Norte e no Maranhão, em Mato Grosso e no Piauí. “[...] Na culinária

to, os que vieram depois, não sabiam, utilizam esta fruta para jogar nos cavalos, os tocando para dentro do curral, referindo-se a outras famílias posseira (Picanço e Machado) e a Rosário, agregada ao território.²³

Existem outras maneiras de contar o processo histórico da Vila do Carmo do Macacoari. Esta pesquisadora segue a linha do tempo da data de nascimento de filhos (as) das famílias pioneiras desse lugar, por entender que documentos oficiais são complementares à oralidade.

Por exemplo, Antônia Nery da Silva nasceu no ano de 1894; Felisberta Paula do Rosário, no ano de 1897²⁴; Manoel Faustino, no ano de 1902; e Pantaleão Gonçalves Machado, em 1905.

Outra maneira de contar o processo histórico da Vila do Carmo do Macacoari é a partir da queda do patriarcado, em 1926, quando morre o coronel Leopoldo Machado, homem mestiço de ascendência africana, com muita influência na sociedade amapaense, bem como o fazendeiro Faustino Picanço, na década de 1930. Assim, surge o domínio das mulheres, suas esposas,²⁵ que assumem as reponsabilidades políticas e passam a liderar a Vila do Carmo ao lado de Manoel Neri. Com a morte desse, sem data definida, sua filha, Antônia Neri da Silva, assume o seu lugar.

Essas três mulheres juntas resistiram a todas as formas de opressão, ao administrarem a Vila do Carmo do Macacoari por quase 50 anos, quando morre, na década de 1970,²⁶ a última delas, Antônia Neri da Silva.

Elas desmistificam o não protagonismo da mulher negra na história da Amazônia brasileira. Quem as conheceu (re) lembra delas como aguerridas, orgulhosas, porém tinham preconceito de classe, exerciam

doméstica, o bacuri tem larga aplicação, sendo utilizado na elaboração de cremes, pudins, recheio de bolos, biscoitos e outras iguarias. Em algumas dessas formas de consumo, a casca do fruto, pré-cozida, é usada como ingrediente” (BRASIL, p. 2).

23 Almeida, 2018, p. 87.

24 Almeida, 2018, p. 114, diz que Felisberta faleceu em 1984, com 87 anos.

25 Que tinham laços de parentesco com o pai de Porfíria Picanço.

26 Porfíria Machado faleceu em 1º de dezembro de 1961; Anna Claudina, em 16 de maio de 1964; e Antônia Neri, em 24 de abril de 1978.



Vila do Carmo do Macacoari
Fonte: Acervo pessoal de Maria das Dores Almeida



Balneário Carmo do Macacoari em 2020
Fonte: Acervo pessoal de Maria das Dores Almeida

forte controle sobre suas terras e sempre tomavam decisões combinadas entre si.

Para quem pedia para morar, elas concediam a terra, mas não o direito de propriedade, assim determinavam o momento de em que a pessoa deveria sair, normalmente dispensavam, ou seja, expulsavam quando de alguma forma sentiam-se ameaçadas. Há um indicativo do reconhecimento do direito consuetudinário (costume) estabelecido entre essas pessoas, mas que precisa ser melhor abordado no futuro.²⁷

Assim, a Vila do Carmo foi sendo povoada. Foram chegando famílias de Macapá, das regiões do Aporema, do Curiaú, da Mangabeira, do Abacate da Pedreira, da Conceição do Macacoari, do Curicaca, do Santo Antônio da Pedreira, da Boa Vista, do Ambé, do Piririm, bem como das Ilhas Caviana e de Marajó, no estado do Pará. Por isso, há uma forte presença de pessoas negras nesse território, como Januário Paulo do Rosário.

27 Custódio; Souza; Almeida, 2019.



Paisagem em Carmo do Macacoari
Fonte: Acervo pessoal de Maria das Dores Almeida



Paisagem em Carmo do Macacoari

Fonte: Acervo pessoal de Maria das Dores Almeida



Rio Macacoari

Fonte: Acervo pessoal de Maria das Dores Almeida

O TEMPO DO PROMESSEIRO
FESTEIRO DA FESTA DE
SÃO SEBASTIÃO DE CARMO
DO MACACOARI: JANUÁRIO
PAULO DO ROSÁRIO

“Bem, nas festividades de São Sebastião, depois que eu me entendi, a Festa de São Sebastião era uma festa muito, muito organizada, só quem organizava era bem dizer o Vovô.”
(Firmina do Rosário Picanço, 2016)

A meu ver, antes de falar da promessa que virou festa, é preciso conhecer o vaqueiro Januário Paulo do Rosário, o festeiro promesseiro²⁸ da Festa de São Sebastião de Carmo do Macacoari. Ele era negro, de pele bem escura, magro, olhos azulados²⁹ e muito alto.

O local e ano de seu nascimento não se sabe ao certo. Comparando com fatos reais daquela localidade, certamente nasceu no tempo da

28 Promesseiro é uma pessoa que, diante de uma adversidade que não consegue resolver, roga ao santo católico de sua devoção para que o acuda e, em troca, promete realizar uma penitência caso a graça pedida seja alcançada.

29 Se era de nascença ou pela idade avançada, é marca registrada dos Rosário, quando envelhecem os seus olhos ficaram azulados ou esverdeados.

escravidão no Brasil,³⁰ uma vez que a sua filha Joana Paula de Mello³¹ nasceu em 1892. Segundo a gente da localidade, ele tinha parentesco no Quilombo do Curiaú, por conta de seu sobrenome Rosário.

Januário Paulo do Rosário e sua esposa, Firmina Maciel do Rosário,³² chegaram à Vila do Carmo do Macacoari no final do século 19, vindos da região do Aporema,³³ migrando pelo rio Araguari, por isso, era conhecido por Januário Aporema.

Talvez tenha sido levado para trabalhar em fazendas na região do Aporema.³⁴ De acordo com o Barão do Rio Branco,³⁵ nessa região, o gado foi introduzido em 1847 por Procópio Rola e Lira Lobato, ambos de Macapá. Quando Januário retorna, já com família constituída, fixa residência na Vila do Carmo do Macacoari, também região promissora para criação de gado.³⁶

Provavelmente, nesse território, em 1900, conhece Raimundo Afonso de Mello e Porfíria Thereza de Mello, com os quais mantém uma relação de compadrio, na Fazenda São Benedito, onde começa a trabalhar, como um feitor, sem remuneração. Quando Raimundo Afonso morre, Januário passa a trabalhar, na mesma função, com o coronel Leopoldo Gonçalves Machado, o segundo marido de Porfíria, em 1905.

Durante o trabalho na Fazenda de São Benedito, ele faz a promessa a São Sebastião. Um episódio que, até ouvir as mulheres negras mais

30 No período de 1550 a 1888.

31 Em sua certidão de casamento, emitida em 23/3/1912, seu nome consta como Joana Paula de Mello. Em sua certidão de nascimento, emitida em 15/1/1973, seu nome consta como Joana Claudina do Rosário.

32 Nome que consta no registro de nascimento de Joana e sua irmã Felisberta. Porém, na certidão de batismo de seu filho Raimundo Januário e de sua filha Messias, chama-se Firmina Maria Alexandrina.

33 Segundo o Barão do Rio Branco (2008), em 1936, por ocasião das expedições francesas na margem esquerda do Araguari, no Aporema e no lado Amapá, já havia brasileiros estabelecidos na área do contestado.

34 Os Rios Tracajatuba e Aporema, antigo Mapori, no território contestado, são os únicos afluentes importantes do baixo Araguari (Rio Branco, 2008).

35 Rio Branco, 2008.

36 Atlas do Amapá, 1966.

velhas da Vila do Carmo do Macacoari, não era bem esclarecido: se o cavalo para o qual ele fez a promessa para não morrer da peste³⁷ era seu ou de propriedade da fazenda.

Na verdade, diante da mortandade de muitos cavalos, ele faz promessa para que o cavalo Pé de Dança, de seu patrão, não morresse. Por isso, Januário Aporema é o primeiro festeiro promesseiro. Assim, surge a Festa de São Sebastião de Carmo do Macacoari, como veremos na sessão seguinte, sobre a origem da celebração.

Segundo Almeida,³⁸ desde então, essa promessa de “identidade individual passa a ser incorporada pela comunidade, torna-se uma identidade cultural coletiva, integrada ao território e àquela história local”, até os dias atuais.

Segundo a oralidade, ele era muito respeitado, mas, cansado de trabalhar, entregou seu lugar na fazenda. Pelos anos de trabalho, meteram no curral 300 reses para ferra, com as iniciais de seu nome. Chamaram os mais velhos para servirem de testemunhas, entre eles, moradores da Samaumeira.³⁹

Como, no Carmo, ele somente teve o direito de moradia, não de propriedade, sem terras para pecuária, mandou o gado para a Comunidade de Santo Antônio da Pedreira, aos cuidados de dois de seus filhos.

Algumas de suas netas ainda vivas conviveram com ele. As mais velhas recordam dele viúvo, “namorador” das mulheres que tinha no Itaúbal do Piririm, na foz do Rio Macacoari (não vamos citar seus nomes para preservar suas identidades). Mas sempre esteve à frente da Festa de São Sebastião, com suas filhas Joana e Felisberta.

Também, relembram dele com idade avançada, sem condições de estar à frente da organização da festa, com a fala afetada por um Acidente Vascular Cerebral (AVC), pois já chamava todo mundo de “neném”; a farinha, de “ninhinha”. As crianças, escondidas dos mais velhos, corriam

37 A peste quebra-bunda. Por causa dela, cavalos não conseguem andar, arrastam a “bunda” no chão e morrem.

38 Almeida, 2018.

39 Pequeno lugarejo localizado na foz do Rio Macacoari.

para um barril grande, tiravam a farinha e botavam na mão dele. Ele comia e ficava muito feliz.

Igualmente, relembram dele bravo procurando pelo cachimbo, sempre achando que algum moleque o havia escondido. Com os adultos na roça, a criançada se espalhava pela casa a procurar o cachimbo. Algumas vezes, estava em seu bolso ou em sua mão.

Segundo a oralidade, a sua casa (onde é hoje a casa de Geralda Machado) tinha uma árvore de cuieira, um pé de limoeiro. Ele doava limão no verão e no inverno. Suas plantações ainda duraram por muitos anos.

Depois que ficou viúvo, ainda morou na foz do Rio Macacoari, para os lados da localidade dos Pássaros. Terminou seus dias na casa de sua filha Joana, onde morreu, na década de 1940,⁴⁰ de AVC, o conhecido derrame.⁴¹

No lugar dessa casa, hoje, existe um estabelecimento comercial/moradia. As plantações do quintal; as laranjeiras-da-terra; os limoeiros; os jenipapeiros; as *curumichameiras* (jamelão, jamborão); entre outras plantas que poderiam contar parte de sua história, também não existem. Foram derrubadas e outras envelheceram com o tempo.

Na Vila do Carmo, é assim: quando uma pessoa sai da terra ocupada por ela, essa terra deixa de ser dela ou de seus descendentes; outra pessoa toma conta e passa a ocupá-la.

Hoje, essa é uma prática ainda mais frequente, porque os mais velhos morreram, os novos saíram para estudar, trabalhar, retornando para passeios. Por outro lado, quem administra essas terras é a Prefeitura Municipal de Itauba, por estar na área de abrangência do município, que as doam a qualquer pessoa que as requeiram, sem cumprir a Convenção nº 169 da Organização Internacional do Trabalho (OIT), sobre Povos Indígenas e Tribais.⁴² Essa convenção fala que

40 Segundo esta gente, em 1946, o ano de nascimento de Sebastião, o filho de Maria Rosária Tolosa Albuquerque, da localidade de Ressaquinha. Esta gente: história contada pelas pessoas, oralidade.

41 Em respeito a ele, a Festa de São Sebastião ficou cerca de dois anos sem ser realizada.

42 OIT, 1989.

os governos e os poderes legislativos têm o dever de consultar os povos indígenas, quilombolas e as comunidades tradicionais sempre que alguma medida ou decisão, que vai ser tomada, tenha o potencial de afetar seus direitos, suas terras ou seu modo de organização.⁴³

Sem essa prerrogativa, fica cada dia mais difícil contar a história local a partir do espaço geográfico, como território ancestral e de memórias. Em razão disso, a força da identidade ancestral e de pertencimento macacoariense está centrada ou voltada para a Festa de São Sebastião. É ela que ainda faz com que os laços de parentesco não se percam com o tempo. Assim, a memória de Januário Aporema vai permanecendo viva e entrelaçada com a origem da Festa de São Sebastião de Carmo.



Imagem original de São Sebastião
Fonte: Acervo pessoal de Maria das Dores Almeida

43 Yamada; Grupioni; Garzón, 2019, p. 20.



Procissão de São Sebastião

Fonte: Acervo pessoal de Maria das Dores Almeida

O TEMPO DAS AVES CIGANAS E DAS POUCAS CASAS

A ORIGEM DA FESTA DE SÃO SEBASTIÃO DE CARMO DO MACACOARI

“E a Festa de São Sebastião, se esperava
essa festa como se espera Deus. Sempre foi
uma festa famosa. E a vida era
só essa, era pouca casa. Eram os Picanços, os
Machados, as velhas: a Antoniazinha, nós
por ali, a minha avó Felisberta, a velha
Benedita, a Balbina na Ressaquinha, o
pessoal do Caiçara. Era assim, pouca gente,
umas 8 famílias.”

(Luiza do Rosário Almeida, 2017)

A Festa de São Sebastião da Vila do Carmo do Macacoari começou no tempo em que esse lugar nem parecia comunidade. As casas eram poucas, sem cercas, muito longe umas das outras, mesmo sendo de parentes. Talvez tenha sido uma estratégia das famílias posseiras para resguardar o território.

Também ficavam bem longe das casas-grandes das famílias posseiras — Nery Silva, Claudino Picanço e Picanço Machado —, as quais se localizavam na beira do Rio Macacoari, com portos para embarque e desembarque de gado e atracamento de canoas a vela.

Naquele tempo, os assoalhos das casas-grandes eram tão altos que os bois entravam embaixo para amolar os chifres. Quando chegava o tempo da chuva (inverno), o campo ficava repleto de bois brancos e de cavalos,⁴⁴ esperando as águas baixarem, na localidade do Braço do Rio Macacoari, hoje Igarapé do Braço. Chegava o tempo da seca (verão), os bois eram levados por terra, pelas três famílias posseiras e seus vaqueiros, para as fazendas no Braço do Rio Macacoari.

As casas-grandes da Vila do Carmo ficavam na responsabilidade de famílias agregadas para que tomassem conta, até essas famílias retornarem com o gado na cheia do ano seguinte e tivessem participado de festas religiosas.

Quando as famílias partiam, a vila ficava *quiririm*,⁴⁵ habitada somente pelos familiares dos vaqueiros. Chegava o tempo das ciganas,⁴⁶ uma ave com uma crista parecida com um penteado, que mariscava na beira do rio.⁴⁷ As mulheres e seus filhos assumiam a responsabilidade de salvarguardar a vila, passavam a ocupar todo o território colocando em prática seus saberes, dons e atividades de subsistência.

A principal atividade delas era a roça de mata, os homens faziam a coivara,⁴⁸ depois da derrubada,⁴⁹ era a vez das mulheres, das meninas e dos *pequenos*⁵⁰ fazerem a limpeza.

44 Com a instalação do município de Itaúbal de Píririm, na década de 1990, houve proibição de animais circulando na Vila do Carmo.

45 Calmo, sossegado, silencioso.

46 “Cigana, seu nome científico é *Opisthocomus hoazin*, mede cerca 62 centímetros de altura de comprimento, sua cabeça é ornada com topete, sua coloração varia em tons de marrom, castanho e branco. Alimenta-se de Brotos, folhas novas, flores e frutos de aninga, siriúba (uma planta do mangue), embaúba (planta pioneira que cresce em locais de muito sol), aguapé (plantas aquáticas flutuantes) e capim novo” (As Belas, 2011).

47 Dizem que o barulho dos motores das voadeiras, barcos e rabetas foram as responsáveis pelo seu sumiço.

48 Roça de coivara ou roça de toco, é uma técnica agrícola tradicional que consiste no processo de limpeza do espaço para a plantação da roça, removendo por meio de derrubada, os paus grossos, as varas menores e capina do mato rasteiro. Em seguida, atea-se fogo, para as cinzas adubarem o solo, para, por fim, plantar e colher.

49 Na Vila do Carmo do Macacoari, na divisão do trabalho na roça, somente os homens faziam a coivara, a derrubada para o plantio. Os dois batedores de caixa de mara-

Em mutirão, carregavam *maniva*⁵¹ da roça antiga para plantar na nova roça, mas antes combinavam por qual roça começariam, assim plantavam roça uma das outras. Combinavam o uso dos *retiros*⁵² para a fazeção da farinha de mandioca. Depois de pronta, a farinha era *empalhada*⁵³ no paneiro com folhas de *guarumã*,⁵⁴ que, além de conservá-la, a deixava perfumada.

Ocupavam o rio *mariscando*⁵⁵ e *faxiando*,⁵⁶ comercializando a farinha com as comunidades próximas. No mato, tiravam *bacaba*⁵⁷, acompanhadas das crianças, que carregavam os *paneirinhos*⁵⁸ para *juntar*⁵⁹ frutas, como os cupuaçus, e os pequenos caçavam. Em casa, faziam do serviço doméstico ao serviço dos quintais. Ainda carregavam água do rio, pois, naquela época, não tinha poço.

Nesse tempo, a molecada corria muito no campo, brincava de casinha, fazia bonecas de munheca de bacaba,⁶⁰ brinquedos de buriti⁶¹ (animais, barcos, bonecos), juntava frutinhas, tomava muito banho na *gruta*.⁶² Mas também já começava a descascar mandioca, plantar maniva, carregar farinha (pouca, mas trazia).

baixo da vila, José Soledade da Silva (velho Zezinho) e Ângelo dos Santos Tavares, morreram na atividade de coivara, “batidos por paus”.

50 Maneira de referir-se a crianças, adolescentes e jovens de sexo masculino. Também se refere a um membro da família, irmãos, primos.

51 Haste da mandioca.

52 Local onde se produz a farinha de mandioca, também chamado de casa de forno e casa de farinha.

53 Revestida, forrada, embalada.

54 Planta amazônica, de lugares úmidos. Suas folhas são utilizadas para embalagens e para assar peixes e suas fibras, para a confecção de artesanato.

55 Pescar durante o dia no rio.

56 Pescar à noite no rio.

57 Fruto da palmeira bacabeira.

58 Cestos pequenos confeccionados com talas de guarumã ou de buritizeiro.

59 Catar, pegar, colher.

60 Bonecas confeccionadas de parte da vassoura do cacho da palmeira bacabeira.

61 Brinquedos produzidos da palmeira do buritizeiro, também conhecida como miriti, planta nativa da Amazônia, em lugares úmidos.

62 Nascente de águas naturais que existiu na Vila do Carmo do Macacoari, também chamada de *gorota* (o mesmo que *gruta*).

Para as pretas velhas, não tinha tempo de chuva ou sol, continuavam a fazer o que mais sabiam — cuidar da saúde da comunidade e aparar meninos⁶³.

É nessa terra de pretos, de uso comum, aparentemente harmoniosa, onde a posição social determinava o papel das pessoas tanto na vida comunitária como nas realizações das festas. De acordo com Ruancarlo Machado, por volta de 1910, inicia-se a Festa de São Sebastião.⁶⁴ Origina-se da promessa do preto Januário Paulo do Rosário, em virtude de uma peste⁶⁵ que dizimou grande parte dos cavalos da localidade.

Segundo Almeida,⁶⁶ “a Festa de São Sebastião de Carmo Macacoari é uma festa religiosa profana (fé, reza, comida e festa), pela qual a identidade cultural da Vila do Carmo do Macacoari é fortemente expressada”.

Para a autora, a festa “tem a ver com a identidade individual do promesseiro e com sua ligação espiritual”.⁶⁷ Quando essa identidade individual é abraçada pela comunidade, torna-se uma identidade cultural coletiva, integrada ao território e àquela história local, resistindo até os tempos atuais.

Como muitos cavalos haviam morrido, Januário Aporema reza a São Sebastião, o protetor da peste, da fome e da guerra, implorando para que o cavalo, chamado Pé de Dança, não morresse — e o animal se salva da peste. Nascendo, assim, dessa promessa, a celebração que virou a Festa de São Sebastião de Carmo do Macacoari.

Como mostra Almeida,⁶⁸ o dia 20 de janeiro passou a ser, desde então, uma data muito esperada pelos moradores do pequeno povoado, no qual todos desmancham seus compromissos para se fazerem presentes a essa festa. Principalmente, os promesseiros, como veremos adiante.

63 Aparar menino é a arte de partejar, a prática de fazer parto no cotidiano familiar.

64 Machado, 2006.

65 A peste quebra-bunda. Por causa dela, cavalos não conseguem andar, arrastam a “bunda” no chão e morrem.

66 Almeida, 2018.

67 Almeida, 2018, p. 154.

68 Almeida, 2020a.



Cavaleiros de São Sebastião

Fonte: Acervo pessoal de Maria das Dores Almeida



Cavaleiros de São Sebastião

Fonte: Acervo pessoal de Maria das Dores Almeida



Procissão de São Sebastião
Fonte: Acervo pessoal de Maria das Dores Almeida

NO TEMPO DO FESTEIRO E DOS (AS) PROMESSEIROS (AS)

NA SOCAÇÃO DO CAFÉ, NA MATANÇA
DOS BOIS, NA BUSCAÇÃO DOS
SANTOS, NA PROCISSÃO E NA
FESTA DANÇANTE COM JANTAR

“A festa religiosa era assim, nossa!
O tio Idelfonso comprava o café,
nós socava, nós chamávamos a
socação do café, às vezes, ele matava
logo um capado, naquele tempo o
café era socado, aí quando era na
entre *véspera de São Sebastião*,
já começava a dançar aí pegava o
Idercindo, isso era a cavalo, quando
não era a cavalo era de boi, iam pegar
o Idercindo na beira do Itaupal.”
(Raimunda Ardasse Picanço, 2016)

No começo, a Festa de São Sebastião de Carmo do Macacoari seguia um rito e um protocolo de tradição e de preservação dos costumes que envolvia o acolhimento, o mutirão, a religiosidade e o social (a festa).

Moura⁶⁹ entende que “os rituais religiosos e festas são os eventos de maior força e significados comunitários”, a identidade da festa.

Por isso, nas *histórias de colhepe*⁷⁰ de mulheres negras mais velhas, elas recordam com saudade do tempo de seus pais e avós, em que os ritos seguiam o modo de fazer da festa. Para elas, esses costumes, simbolicamente, são os que mantêm vivas as memórias de seus ancestrais.

O ritual da festa se iniciava, aproximadamente, na segunda semana de janeiro. Começava pela chegada dos promesseiros e promesseiras, os (as) quais eram *acolhidos(as)* pela comunidade e pelo festeiro.

Seguia-se com os ritos: o *mutirão*⁷¹: com a torração e a socação de café pelas cafeteiras (mulheres promesseiras), com a matança dos bois; a *religiosidade*: as ladainhas cantadas, a buscação dos santos, a procissão; e o *social*: o tradicional almoço, a festa dançante com jantar.

Com o tempo, introduziram-se o leilão, a corrida de cavalo e a subscrição, um documento que era levado de casa em casa da vila e localidades. Nesse documento, as pessoas colocavam o seu nome e, ao lado, diziam o que iriam doar. Uma tradição que existe até hoje.

No tempo em que a festa era organizada pelo festeiro promesseiro, ele cumpria alguns protocolos. Além de organizar a festa, deslocava-se aos povoados próximos para formalizar o convite aos rezadores de ladainha, as quais eram cantadas no período de 15 a 19 de janeiro. Sempre havia mais de um rezador, porque, no momento da reza, tinham de fazer o contralto e o contrabaixo⁷².

As ladainhas eram pontos fortes, mas, na Vila do Carmo do Macacoari, não havia tradição de ladainheiros. Eles vinham do Piririm: os

69 Moura, 2012, p. 109.

70 Almeida, 2018.

71 Ajuntamento de pessoas para ajudar gratuitamente na realização da Festa de São Sebastião.

72 A ladainha era cantada por mais de uma pessoa: uma fazia a primeira voz e as demais, a segunda voz.

senhores Luiz Tolosa e Lauriano Alburquerque, e a senhora Domingas Nery;⁷³ e do Curicaca, o senhor Estevão Carvalho; e cantavam⁷⁴:

“Deus denoadjutório de me entender douminé é de joane é de fastiné glória o pai e do filho é do espírito santo amém.

Assim como era no princípio é de nunca e sempre é de um século em século glória amém.

O pão nosso de cada dia nós daí hoje, perdoai as nossas dívidas assim como nós perdoamos os nossos devedores, não nos deixe o senhor cair em tentação nos livrai senhor e de todo o mal amém.

Ave Maria cheia de graça, o senhor é convosco bendita sois vós entre as mulheres e bendito é o fruto do vosso ventre Jesus.

Santa Maria mãe de Deus rogai por nós pecadores e agora e na hora de nossa morte amém.

Glória ao pai é do filho é do espírito santo amém.

Assim como era no princípio e de nunca e sempre é de um século em *seculório* amém.

Assim como era no princípio e de nunca e sempre e agora e na hora de nossa morte amém.

Quirié ellesone éllesones Cristo Audinós.

Quirié ellesone éllesones Cristo Audinós.

Quirié ellesone éllesones Cristo Audinós.

Quirié ellesone éllesones Cristo Audinós.

Pater de Exiis Deus, Miserére nobis.

Filho redenpoor mundi, Deus, miserére nobis.

Spíritus Sancte, Deus. Miserére nobis.

Sancta Trínita ins Deus, miserére nobis.

Sancta Maria, ora pro nobis.

Sancta Dei génitrix, ora pro nobis.

73 Após se casar com o senhor João Nery, passa a morar na Vila do Carmo e ser a cantadeira de ladainha da comunidade.

74 A ladainha era rezada ora em língua portuguesa, ora em língua latina.

Sancta Virgo virginum, ora pro nobis.

Mater em Christi, ora pro nobis.

Mater Divina gratix, ora pro nobis.”⁷⁵

Orai por nobre”, era “orais por nobre”, até findar a ladainha. “Era assim, assim que era”.⁷⁶

Ao longo dos anos, foi assim: todas as noites, no decorrer das ladainhas, as mulheres cafeteiras (promesseiras) serviam o café e, ao final de cada ladainha, ocorria a festa dançante (o baile), até a ladainha ser substituída pela reza do terço.

A CHEGADA DOS PROMESSEIROS E PROMESSEIRAS

Quando se fala em promesseiro, podemos dizer que, durante vários anos, a festa foi sustentada por essas pessoas. Muitas, vindas de outras localidades, como a cafeteira Messias do Rosário, filha de Firmina e Januário Aporema. Ela vinha do Piririm para “pagar” suas promessas (sempre trazendo um pão de beijucica⁷⁷ na bagagem), assim como homens e mulheres que chegavam bem antes à vila para seguir o rito da festa.

Ao chegarem, procuravam o festeiro⁷⁸ e diziam: “Me peguei com São Sebastião, alcancei esta graça, vim ajudar”. E, em seguida, diziam qual promessa iriam “pagar”.

75 Ladainha cantada pelos ladainheiros de Piririm, constante de material de Dona Edmunda Brazão Viegas.

76 Expressão utilizada pelas interlocutoras da pesquisa de mestrado *(Re)construindo caminhos e histórias de mulheres negras da Vila do Carmo do Macacoari – Amapá*, de Almeida (2018), quando finalizavam suas falas sobre fatos vivenciados por elas no cotidiano comunitário.

77 Beiju feito de mandioca mole torrada misturada com a banana amarela ralada. Coloca-se na folha da palmeira sororoca, fecha-se e leva-se para assar.

78 Pessoa ou famílias responsáveis pela realização da festa. No caso da Vila do Carmo do Macacoari, a detentora da primeira imagem, neste caso, a família Rosário, é sempre a festeira.

Os promesseiros “pagavam” as graças alcançadas, não com dinheiro, mas sim “realizando atividades como: cozinhar, lavar as louças, servir o almoço e o jantar no dia da festa, tirar lenha e doar farinha de mandioca, produtos para o leilão e bois”.⁷⁹ “Era assim, assim que era”.

Entre esses promesseiros, destaca-se o papel das cafeteiras, as mulheres que faziam o café.

A TORREFAÇÃO E A SOCAÇÃO DO CAFÉ

No cotidiano da vida comunitária, a torrefação e a socação do café era papel de homens e mulheres, mas, no período da festa, tinha um grande significado, principalmente, para as mulheres mais velhas da vila e as promesseiras, chamadas cafeteiras.

Havia todo um ritual, elas se reuniam para torrar e pilar café. Sempre em dupla, com as duas mãos, seguravam a “mão de pilão” e socavam em um único pilão. Em troca, o festeiro doava o alimento, matando um porco capado⁸⁰ para alimentá-las durante o ritual da torração. As cafeteiras continuavam à noite fazendo o café e servindo-o durante as noites de ladainhas.

Para Almeida,⁸¹ o papel das mulheres no rito da torrefação e da socação do café e das cafeteiras precisa ser mais estudado. Porque, quando se fala do papel das mulheres na Festa de São Sebastião no passado, a presença delas é fortemente marcada nessa atividade.

A MATANÇA DOS BOIS

Os bois doados por promesseiros chegavam no dia 18 de janeiro, trazidos por vaqueiros, para alegria da molecada, que corria para participar desse

79 Almeida, 2018, p. 153.

80 Porco castrado.

81 Almeida, 2018.

momento. A cada boi que chegava, era alegria para a comunidade. O festeiro coordenava o recebimento dos bois doados por promesseiros e criadores de gado da Vila do Carmo do Macacoari, os quais ficavam amarrados debaixo das árvores.

Contam as *histórias de colhepe* das mulheres negras mais velhas desse lugar, que teve um ano em que vieram cinco reses do quilombo de Conceição do Macacoari. Quando o boi não era morto, ficava para São Sebastião. “Era assim, assim que era”.

Elas lamentam o fato dos bois, agora, serem comprados, mas confortam-se ao dizer que os tempos mudaram, pois, hoje, são muitas pessoas para alimentar no almoço e no jantar.

O dia 19 de janeiro culminava com os ritos da matança de bois e a buscação dos santos.

A BUSCAÇÃO DOS SANTOS E A PROCISSÃO DE SÃO SEBASTIÃO

O cortejo da buscação dos santos percorria, no dia 19 de janeiro, os caminhos da Vila do Carmo ao som de violas, clarinetes ou flautas dos músicos Idercindo e Mané Chico. As crianças, as mulheres e os homens adentravam as casas de moradores para buscar a imagem do santo de devoção do proprietário, onde dançavam. Em retribuição, serviam-se comidas e bebidas.

Logo, esses moradores passavam a compor o cortejo e caminhavam para a casa seguinte. Assim, prosseguiram até chegar à casa da festa, para onde os santos eram levados.

No dia seguinte, 20 de janeiro, a imagem do santo padroeiro, São Sebastião,⁸² e as demais eram entregues aos cavaleiros, os quais seguiam em cortejo, seguidos por devotos do santo. Assim, percorriam os campos da Vila do Carmo do Macacoari. Ao final, os santos retornavam para a

82 A primeira imagem de São Sebastião pertenceu a Raimundo Januário Paulo do Rosário, filho de Januário Aporema.

casa da festa. No dia seguinte, o cortejo retornava para buscar os santos, que eram devolvidos de casa em casa.

A FESTA DANÇANTE: NOITES DO “PAU FURADO”⁸³, DE SOPRO E CANTAROLA

Conforme Almeida,⁸⁴ nos primeiros anos, a festa dançante foi realizada na casa de Joana Paula, filha de Januário. Depois de requerida por Porfíria Theresa Picanço Machado,⁸⁵ uma das posseiras das terras do Vila do Carmo do Macacoari, passou a ser festejada em sua casa, mesmo sendo essa senhora devota de São Benedito. Depois de sua impossibilidade em realizá-la, possivelmente, no final da década de 1950, mudaria para a casa do senhor Idelfonso Paulo do Rosário, filho do promesseiro Januário Aporema. Depois, passou a ser realizada na casa do neto de Januário, o senhor José Correa, o Zecazinho. Anos depois, a festa dançante passou a ser realizada por outras pessoas, até retornar à família do primeiro promesseiro.

O lugar da festa também era o local das ladainhas, em que se serviam o almoço e o jantar doados aos devotos e a festa dançante. Somente os adultos participavam.

Outro protocolo adotado era convidar e buscar músicos a cavalo ou de boi, para animar as noites do “pau furado” — de sopro e cantarola —, em que o músico Idercindo tocava instrumento de sopro — o clarinete —, e a juventude cantava. A festa não parava. Pela manhã, os músicos passavam por uma *madorma*,⁸⁶ e entrava o pessoal para cantar, cantando para que a festa não parasse.

83 Pau Furado era o nome que recebiam as festas animadas por instrumentos de sopro, como clarinete e flauta.

84 Almeida, 2018.

85 Criadora de gado e esposa do coronel Leopoldo Gonçalves Machado.

86 Cochilo, sono curto, sono leve.

A festa terminava no dia seguinte, com o cortejo de devolução das imagens de casa em casa. São histórias do passado, vivas na memória afetiva nas pessoas mais velhas do lugar.

Desde a criação da festa, as mulheres vêm contribuindo nas ladinhas, nas promessas, na torração do café e na cozinha. Mesmo depois de uma longa jornada, à noite, compareciam ao salão da festa para dançar. No salão da festa, elas não sentavam no mesmo banco que os homens — tinha o banco das mulheres e o banco dos homens — e também não podiam fazer desfeita, recusar uma dança, caso contrário, corriam o risco de sofrer violência física.

Durante muitos anos, “era assim, assim que era”. Mulheres, homens, jovens e crianças, todos e todas envolvidas, em mutirão, desenvolviam sua função.

O TEMPO DOS OUTROS

AS MUDANÇAS E AS INTERFERÊNCIAS RELIGIOSAS, CAPITALISTAS E OUTRAS NA FESTA DE SÃO SEBASTIÃO

“Eu contribuí na Vila do Carmo sendo animadora da comunidade, na igreja também né, que eu contribuí muito que ainda hoje tava verificando ali achei, não sei onde tá esses meus papeizinhos, tudo grudado um no outro assim, quando eu trazia o dinheiro pra entregar pras irmãs, que era pra comprar os folhetos e os livros, que aquilo não era de graça, então o dinheiro da oferta que eu adquiria lá, eu trazia praí aí. A Diquinha quando eu ficava lá, a gente tinha o trabalho de fazer aqueles envelopes de papel, colar com a goma. Digamos assim, a oferta de domingo de hoje deu tanto, eu conferia e colocava dentro do envelope e colocava oferta do domingo tal, do dia tal, e botava naquele envelope e separava tudinho e coloca em um grande, que quando o padre ia pra lá, que era pra prestar conta, tá aqui padre João.”

(Luiza Costa Tolosa Correa, 2017,
in memoriam)

A Festa de São Sebastião, desde sua origem, congrega diferentes classes sociais, logo diferentes interesses e diferentes obrigações. “Ao longo dos anos, essa festa vem sofrendo mudanças por interferências da Igreja Católica local, do capitalismo. Com isso, alguns ritos deixaram de existir, como a socação do café, a buscação dos santos e as ladainhas cantadas”.⁸⁷

As mulheres negras mais velhas falam que “era assim, assim que era”: naquele tempo, a condição financeira determinava o papel das pessoas envolvidas na festividade. Elas, ainda, disseram que as mulheres negras roceiras trabalhavam o ano todo para as mulheres negras criadoras de gado e, em troca, recebiam fazendas (tecidos) para confecção de roupas e sapatos para passarem a festa.

A devoção a São Sebastião era tamanha, pelas graças alcançadas ou por tradição, que elas, no período da festa, faziam e doavam a farinha de mandioca, socavam e torravam café, cozinhavam, carregavam água do rio e lavavam louças.

Os homens roceiros doavam farinha, produtos agrícolas, animais domésticos, lenha; carregavam água do rio para a cozinha; matavam os bois junto com os vaqueiros; e participavam da procissão conduzindo os cavalos.

Os criadores de gado (homens e mulheres) participavam da festa doando bois, queijos, café, leite e animais domésticos; davam lances nos leilões; e recebiam as autoridades. Durante muito tempo, a festa foi na casa-grande da senhora Porfíria Thereza Picanço Machado. As outras posseiras, Antônia Nery da Silva e Anna Claudina da Silva Picanço, também participavam.

No entanto os tradicionais almoço e jantar doados aos devotos não eram servidos dentro da casa, eram servidos no quintal, atrás da cozinha, no mesmo espaço que retalhavam os bois. Tradição que perdura até os dias atuais, mesmo tendo um centro para esse fim.

O formato da organização atual da Festa de São Sebastião de Carmo do Macacoari é resultado de várias interferências sofridas ao longo dos

87 Almeida, 2019.

anos, principalmente, por parte da Igreja Católica. Segundo Canto,⁸⁸ no livro *A água benta e o diabo*, com a chegada do Pontifício Instituto das Missões Estrangeiras (PIME) ao Amapá, em 1948, os padres, desconhecadores das culturas locais, proibiram alguns ritos por considerarem profanos, e várias mudanças ocorreram nas festas de santo. Na Festa de São Sebastião, a ladainha cantada foi substituída pelo terço e os santos foram reunidos na capela, não havendo mais sentido a buscação dos santos.

De certa forma, o festeiro promesseiro perde seu protagonismo, na perspectiva religiosa e identitária, quando é instalada a comissão do culto dominical, em 1968, que passa a conduzir todo o protocolo religioso, centrado na capela. Assim, o promesseiro passa a se encarregar apenas da organização dos ritos lúdicos da festa.

Em 6 de outubro de 1984, sob a alegação de baixa participação dos fiéis nos cultos, ocorre o fechamento da capela da vila pelo padre Roberto. A capela permanece fechada por dois anos, sendo reaberta em 20 de fevereiro de 1986, em uma reunião na vila, entre moradores, o bispo Dom Luís Soares Vieira e o padre Daniel Curnis.

Para a reabertura, exigiu-se a separação da festa em dois momentos, o religioso e o “profano”.⁸⁹ Canto,⁹⁰ em crítica às mudanças nas festas de santo, chama essa decisão de “a água benta e o diabo”. Por isso, hoje, toda a parte religiosa é realizada no dia 20 de janeiro, pela Igreja, e a festa dançante, em outra data, pelo festeiro promesseiro — a família Rosário.

Com esse desmembramento, a festa dançante passou a sofrer da cultura de negação, a ser depreciada e não reconhecida como parte ritualista da origem da Festa de São Sebastião de Carmo do Macacoari. No entanto, resiste, porque, assim como a celebração religiosa, carrega

88 Canto, 1998.

89 “As regras foram firmadas em documento escrito: a festa religiosa e a procissão seriam realizadas no dia 20 de janeiro e, nesse dia, não haveria festa dançante; a festa dançante seria realizada, no mínimo, uma semana antes ou depois da festa religiosa” (Almeida, 2018).

90 Canto, 1998.

a ancestralidade do festeiro promesseiro Januário Paulo do Rosário, mesmo com todas as modificações.

A modernidade e o capitalismo também interviram na Festa de São Sebastião. Os músicos foram substituídos pelas vitrolas e pelas aparelhagens, que arrastam fã-clubes, tornando, com isso, insustentável a doação de alimentação para a festa dançante. Assim como desaparecem as mulheres cafeteiras, pela ausência das ladainhas e pela novidade dos moinhos de café.

Nesses processos decisórios, não foi escolhido escutar os (as) mais velhos (as), guardiões (ãs) da memória, para compreender toda a riqueza ritualística (afro-indígena) de uma festa genuinamente amapaense, pela qual os féis, sobretudo os promesseiros, demonstravam sua fé e resistência comunitária.

No momento em que essas pessoas são silenciadas, as representações simbólicas, a amálgama (práticas religiosas e profanas) é esquecida, com ela a ancestralidade. Consequentemente, a juventude deixa de aprender e vivenciar. Sem aprendizado e vivência, como entender, respeitar, amar, engajar-se e levar à frente a fé cultural se a não a conhecem?

O filósofo camaronês Jean-Godefroy Bidima diz que “não podemos entrar na filosofia, assim como na vida, senão misturados a uma história que nos precede e enredados em histórias que se tecem entorno e sobre nós”.⁹¹ Esse autor diz que a história que nós construímos no presente está entrelaçada a uma nossa história anterior a nós, o que ele chama de *travessia*.

Por isso, os moradores de Mazagão Velho, no município de Mazagão, no estado do Amapá, se utilizam da *travessia* para preservar a Festa do Divino Espírito Santo. Como diz Motinha,⁹² eles não perderam os laços com o passado. As histórias contadas de geração em geração foram importantes para a manutenção da cultura dos mazaganistas.⁹³

91 Bidima, 2002, p. 1.

92 Motinha, 2003.

93 Pessoas que nascem no município de Mazagão, no estado do Amapá.

Para isso, há um envolvimento de toda a comunidade, sobretudo das crianças, na Festa do Divino Espírito Santo, que pagam promessas para serem *figuras* do ritual dessa festividade. Da mesma maneira, na Festa de São Tiago, todos os anos, são as crianças que a encerram, conduzindo a *missa*, o *círio* e a *batalha*, onde elas são as *figurantes*, sob orientação dos adultos.

Essas experiências comunitárias são um chamado a todos nós, macacoarienses, para olhar para a Festa de São Sebastião. Como diz Almeida,⁹⁴ na lógica de *travessia*, envolver-se nessa viagem ao passado sabendo que são histórias que se tecem em torno e sobre nós no presente.

Então, é muito importante construir-se a história dessa festa, por meio de histórias aprendidas e vividas, para que as memórias ancestrais não se percam no tempo. Porque, “quando as experiências coletivas se perdem, é na narrativa que encontramos a memória. A memória é identidade e resistência”.⁹⁵

94 Almeida, 2020b.

95 Almeida, 2019, p. 112.



Igreja de São Sebastião 2020
Fonte: Acervo pessoal de Maria das Dores Almeida



Refeitório Januário Paulo do Rosário
Fonte: Acervo pessoal de Maria das Dores Almeida



Centro de festa de São Sebastião

Fonte: Acervo pessoal de Maria das Dores Almeida

“Existiam duas festas no Carmo, chamava, São Sebastiao que era em janeiro e a de São João que era em junho, essas duas festas eram oito dias de festa, essas oito noites de festa cada dia, matava um boi pra comunidade, dançava-se a noite inteira, com violão, viola e clarinete, aí tudo com lamparina não existia luz elétrica, era lamparina no canto da sala, mais isso era muito animado. [...]”

(Edmunda Brasão Viegas, 2016,
in memoriam)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Levando em consideração a amplitude da secular Festa de São Sebastião de Carmo do Macacoari, esta publicação não dá conta de expressar toda sua história.

A ideia foi de não perder o fio do início de sua história para não deixar no esquecimento antigos moradores e moradoras que edificaram essa festa, para manter vivas antigas tradições, costumes e ritos resguardados apenas na narrativa oral de pessoas mais velhas da Vila do Carmo.

Um dia, essas *bibliotecas humanas* deixarão de viver e, obviamente, carregarão consigo suas memórias. Quem sabe poderão ser (re)visitadas na memória de quem se dispõe a ouvi-los(as)? À vista disso, essa publicação tem a finalidade de *resguardar*, no sentido de ser o primeiro *livro guardião* da Festa de São Sebastião de Carmo do Macacoari.

Finalizo dizendo que, nos caminhos e nos rios que percorri para buscar essas histórias, há muitas outras potentes. Então convido vocês, macacoarienses, professores (as) e pesquisadores (as), a se lançarem nessa busca antes que essas pistas deixem de existir.

GLOSSÁRIO MACACOARIENSE

Cumbuca cabaça, cuia.

Curumichameira azeitona preta, azeitona roxa, jamelão, jamborão.

Bacaba fruto da palmeira bacabeira

Boneca de munheca de bacaba boneca confeccionada de parte da vassoura do cacho da palmeira bacabeira.

Brinquedo de buriti brinquedo produzido da palmeira do buritizeiro, também conhecida como miriti, planta nativa da Amazônia, encontrada em lugares úmidos.

Empalhada revestida, forrada, embalada.

Esta gente história contada pelas pessoas, oralidade.

Faxiar pescar à noite no rio.

Gruta nascente de águas naturais que existiu na Vila do Carmo do Macacoari, também chamado de *gorota*, o mesmo que *grot*.

Guarumã planta amazônica, de lugares úmidos. Suas folhas são utilizadas para embalagens e assar peixes, e suas fibras para a confecção de artesanato.

Igaçabas, a boca feita sítios arqueológicos.

Juntar catar, pegar, colher.

Madorma cochilo, sono curto, sono leve.

Maniva haste de mandioca.

Mariscar pescar durante o dia no rio.

Paneirinho cesto pequeno confeccionado com talas de guarumã ou de buritizeiro.

Pequenos maneira de referir-se a crianças, adolescentes e jovens do sexo masculino. Também se refere a um membro da família irmãos, primos.

Pinhada muito, em grande quantidade, cheio.

Porco capado porco castrado.

Quiririm calmo, sossegado, silencioso.

Retiro local onde se produz a farinha de mandioca, também chamado de casa de forno e casa de farinha.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. Terras de preto, terras de santo, terras de índio: uso comum e conflito. In: GODOI, Emília Pietrafesa de (org.). *Diversidade do campesinato: expressões e categorias estratégias de reprodução social*. São Paulo: Editora Unesp/ Núcleo de Estudos Agrários e Desenvolvimento Rural, 2009. 331 p. v. 2. cap. 2, p. 39-66.
- ALMEIDA, Maria das Dores do Rosário. Festa de São Sebastião do Carmo do Macacoari: fé, reza, comida e festa. In: SOUSA, Ivaldo da Silva; SOUSA, Ana Célia Lacerda da Costa (org.). *Mundo da ciência: coletânea de artigos*. 1. ed. São Paulo: Produções Editoriais Anjo, 2019. 197 p.
- _____. Festa de São Sebastião do Carmo do Macacoari: na ótica de mulheres negras mais velhas. *Revista Tempo Amazônico*, n. 7, n. 2, p. 80-94, jan.-jun. 2020a. Disponível em: https://www.ap.anpuh.org/download/download?ID_DOWNLOAD=2075. Acesso em: 13 jun. 2021.
- _____. *(Re)construindo caminhos e histórias de mulheres negras da Vila do Carmo do Macacoari – Amapá*. 2018. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Sustentável junto aos Povos e Terras Tradicionais) – Centro de Desenvolvimento Sustentável, UnB, Brasília, 2018.
- _____. *Terras de mulheres: por uma renovação no debate sobre territórios tradicionais*. Trabalho apresentado no Lançamento Oficial do Cauim na 20ª Semana Universitária da Universidade de Brasília (UnB), Brasília, 2020b.
- AS BELAS ciganas. *Blog Inspiração Amazônica*, 9 fev. 2011. Disponível em: <https://inspiracaoamazonica.blogspot.com/2011/02/cigana.html>. Acesso em: 14 set. 2020.
- ATLAS DO AMAPÁ. Território Federal do Amapá. Instituto Regional de Desenvolvimento do Amapá – Conselho Nacional de Geografia – IBGE, 1966. p. 40.
- BIDIMA. Jean-Godefroy. *Da travessia: contar experiências, partilhar o sentido*. Tradução Gabriel Silveira de Andrade Antunes. Filosofia Africana, [2002]. Disponível em: <https://filosofia-africana.weebly.com/>

- uploads/1/3/2/1/13213792/jean-godefroy_bidima__da_travessia._contar_experi%C3%AAncias_partilhar_o_sentido.pdf. Acesso em: 4 jan. 2021.
- BRASIL. Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Embrapa Amazônia Oriental. *Bacurizeiro*. [S. l.]: Mapa/Embrapa, [p. 2]. Disponível em: <https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/50161/1/fd490001.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2021.
- CANTO, Fernando. *A água benta e o diabo*. 2. ed. Macapá: Fundecap/GEA, 1998. p. 28.
- CUSTÓDIO, Elivaldo Serrão; SOUZA, Silvaney Rubens Alves de; ALMEIDA, Maria das Dores do Rosário. História, cultura e identidade: olhares sobre comunidades quilombolas no estado do Amapá. *Projeto História*, São Paulo, v. 66, p. 220-254, set.-dez. 2019. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/43093/pdf>. Acesso em: 20 abr. 2020.
- FERNANDES, Marcus E. B. New field records of night monkeys, genus *Aotus*, in northern Brazil. *Neotropical Primates*, v. 1, n. 4, p. 35, dez. 1993. Disponível: <http://static1.1.sqspcdn.com/static/f/1200343/18197314/1337025496837/NP1.4.pdf?token=HjC%2BUf-T3%2BdIol7ZuqpKE9BaX%2BvI%3D>. Acesso em: 15 maio 2016.
- LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Campinas: Unicamp, 2013.
- MACHADO, Ruancarlo d'Almeida. *A Festa de São Sebastião no Carmo do Macacoari: como um espaço de religiosidade e cultura popular*. 2006. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura e bacharelado em História) – Faculdade de Macapá (Fama), Macapá, 2006.
- MOTINHA, Katy Eliana Ferreira. *A Festa do Divino Espírito Santo: espelho de cultura e sociabilidade na Vila Nova de Mazagão*. 2003. Tese (Doutorado em História) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003. p. 275-328.
- MOURA, Glória. *Festas dos quilombos*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2012. 184 p.
- PANTOJA, Leandro de Freitas. *Nos meandros das vivências, tensões cotidianas e da crise da escravidão negra em Macapá – 1856-1886*. 1. ed. Curitiba: Protexito, 2015. 138 p.
- PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. Temporalidades amazônicas: uma contribuição à Ecologia Política. *Desenvolvimento e Meio Ambiente*,

- Editora UFPR, n. 17, p. 21-31, jan.-jun. 2008. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/made/article/viewFile/13410/9036>. Acesso em: 17 jul. 2021.
- RIO BRANCO, José Maria da Silva Paranhos, Barão do. *Questões de limites: Guiana Francesa*. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2008. 4389 p. (Edições do Senado Federal, v. 97).
- SANTOS, Valdenira Ferreira dos; FIGUEIRA, Zanandrea Ramos (org.). *Diagnóstico sócio-ambiental participativo do setor costeiro estuarino do Estado do Amapá*. Macapá: MMA/GEA/Iepa/Gerco, 2004.
- WALTER do Carmo: a bravura de um pioneiro. *Diário do Amapá*, Macapá, 14 jun. 2015. Disponível em: <http://www.diariodoamapa.com.br/2015/06/14/walter-do-carmo-a-bravura-de-um-pioneiro>. Acesso em: 20 mar. 2017.
- YAMADA, Erika M.; GRUPIONI, Luís Donisete Benzi; GARZÓN, Biviany Rojas. *Protocolos autônomos de consulta e consentimento: guia de orientações*. São Paulo: Rede de Cooperação Amazônica (RCA), 2019. Disponível em: <https://rca.org.br/wp-content/uploads/2019/06/2019-Guia-de-Protocolos-RCA-vers%C3%A3o-web.pdf>. Acesso em: 13 jun. 2021.

SOBRE A AUTORA

Maria das Dores do Rosário Almeida é descendente da comunidade negra e ribeirinha denominada Vila do Carmo do Macacoari, no Itaúbal do Piririm (AP), filha de Luiza do Rosário Almeida e Lourenço Tavares de Almeida. Mulher negra, educadora, pesquisadora, escritora, ambientalista, conhecida popularmente como Durica, possui uma vasta biografia que a enaltece enquanto mulher que luta pelas relações étnico-raciais, pelas comunidades tradicionais e pela preservação ambiental. Quanto à sua formação acadêmica, é mestra em Desenvolvimento Sustentável Junto aos Povos e Terras Tradicionais pela Universidade de Brasília (UnB); especialista em História e Cultura Africana e Afro-Brasileira pela Faculdade Atual; licenciada e bacharela em Economia Doméstica pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). Ela também é integrante do Grupo de Pesquisa Estudos e Práticas Dialógicas no Contexto de Povos e Territórios Tradicionais (Cauim/MESPT). Lecionou por 14 anos no ensino fundamental, nas disciplinas Ciências Biológicas e Atividades Práticas, em escolas públicas do estado. Professora do ensino básico técnico tecnológico, atuando no Conselho Estadual do Fundeb do Amapá. Durica apresenta em seu livro uma proposta de resgate das tradições, costumes e integrações, mostrando o quanto a preservação é fundamental para que as gerações tenham referências.

(Negra Áurea)

Maria Áurea dos Santos do Espírito Santo

Para as pretas velhas, não tinha tempo de chuva ou sol, continuavam a fazer o que mais sabiam – cuidar da saúde da comunidade e aparar meninos (fazer partos). É nessa terra de pretos, de uso comum, aparentemente harmoniosa, onde a posição social determinava o papel das pessoas tanto na vida comunitária como nas realizações das festas. De acordo com Ruancarlo Machado, por volta de 1910, inicia-se a Festa de São Sebastião. Origina-se da promessa do preto Januário Paulo do Rosário, em virtude de uma peste que dizimou grande parte dos cavalos da localidade. Como muitos cavalos haviam morrido, Januário reza a São Sebastião, o protetor da peste, da fome e da guerra, implorando para que o cavalo, chamado Pé de Dança, não morresse – e o animal se salva da peste. Nascendo, assim, dessa promessa, a celebração que virou a Festa de São Sebastião de Carmo do Macacoari. O dia 20 de janeiro passou a ser, desde então, uma data muito esperada pelos moradores do pequeno povoado, no qual todos desmancham seus compromissos para se fazerem presentes a essa festa.



BAIXE GRATUITAMENTE
ESTE LIVRO EM SEU CELULAR

Encontre este livro gratuitamente em formato
digital acessando: livraria.senado.leg.br

SENADO FEDERAL

